

A VOCAÇÃO NO DOCUMENTO “PASTORES DABO VOBIS”

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL DE JOÃO PAULO II

(TEXTO DA AULA INAUGURAL DO ANO LETIVO-1994, DA FACULDADE
DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO)

D. Joel Ivo Catapan

INTRODUÇÃO

Concluído o mês vocacional do ano passado, o nosso Cardeal Arcebispo, D. Paulo, mostrou-se preocupado com a Arquidiocese por não ter percebido muita criatividade nas manifestações vocacionais que seriam próprias do mês.

De fato, a preocupação com as Vocações na Igreja, faz parte do espírito eclesial e deverá necessariamente traduzir-se numa pastoral adequada.

Ora, a pastoral está na ordem do agir da Igreja. E, como tal, a pastoral deverá ser sempre um reflexo do ser da Igreja. Logo, também, a Pastoral “Vocacional” (P. V.), na Igreja deverá ser sempre um reflexo do ser da “Vocação”, na Igreja. Por isso, a P. V.

na Igreja, pretendendo ser o que deve ser, pressupõe e exige uma Teologia da Vocação.

BREVE HISTÓRICO DA TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

A reflexão teológica sobre a Vocação não era freqüente antes do Concílio Vaticano II.

Foi precisamente este Concílio que, ao elaborar a teologia da própria Igreja e das suas diferentes expressões, se preocupou quase sempre com fazer preceder a elaboração teológica, a fim de que, a partir desta reflexão e por sobre esta reflexão elaborasse as propostas pastorais, que o Concílio desejava propor.

Assim, foi já no seu documen-

to fundamental, a L. G. que o Concílio colocou os mais densos elementos da vocação, sobretudo ao falar da vocação episcopal, sacerdotal ou presbiteral, religiosa e missionária. Não podemos falar de elementos teológicos sobre a vocação diaconal, uma vez que o diaconato foi apenas lembrado para ser recuperado enquanto diaconato permanente.

Depois, em 5 documentos seguintes, que foram a C. D., P. O., O. T. P. C. e A. A., o Concílio aprofundou o conceito de Vocação, para daí tirar as linhas pastorais correspondentes (Veja Dom Moacy Vitti, que escreveu sobre "A Vocação no Concílio Vaticano II").

Após o Concílio, apareceram alguns documentos da Santa Sé e alocações várias dos Papas Paulo VI e João Paulo II, que avançaram ainda mais em alguns aspectos da Vocação. As 30 cartas pontificias para o "Dia Mundial de Oração pelas Vocações" aí estão se oferecendo como campo de estudo especial para a elaboração da teologia da Vocação no após-Concílio Vaticano II.

A expressão mais recente da teologia da vocação e enriquecida de elementos novos e alguns até surpreendentes, nos está sendo apresentada pelo Papa João Paulo

II, em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal, "Pastores Dabo Vobis", "Sobre a Formação dos Sacerdotes, de 25 de março de 1992.

É este propriamente o tema da presente reflexão, que lhes venho oferecer neste momento.

Daí o título:

A VOCAÇÃO NO DOCUMENTO "PASTORES DABO VOBIS", DE JOÃO PAULO II

Não se considerará a Vocação em suas expressões específicas, quais sejam a vocação laical, a sacerdotal, a religiosa e a missionária.

O enfoque, portanto, a ser considerado aqui, é anterior a estas concretizações específicas. É o da Vocação enquanto tal, concebida e nascida de seus elementos teológicos primeiros e essenciais.

O trabalho será simples e despretencioso. Apenas, se tentará extrair do documento e trazer à luz alguns elementos que parecem os mais básicos para uma teologia da vocação, os quais, no entanto, correm o perigo de se perderem quando implantados nas frases muito densas que compõem a Exortação Apostólica. Portanto, o

trabalho será limitado a uma leitura pormenorizada destes elementos, tentando aumentá-los com a lupa da reflexão para torná-los visíveis, perceptíveis e apreciáveis, para que não passem despercebidos pela leitura corrente, em geral apressada, que costumamos fazer. Tal qual a pessoa que andando depressa na praia, não chega a perceber as pedrinhas de diamante existentes na areia.

Mas, não será tomada em consideração a Exortação Apostólica inteira e sim só o capítulo IV, que tem por título: "A vocação sacerdotal na Pastoral da Igreja". E mesmo este 4º capítulo, não será tomado inteiro, e sim só nos dois primeiros itens, 34 e 35, por serem estes os que mais profundamente elaboram uma teologia da vocação, que possivelmente, não se encontra na literatura vocacional até agora existente. Não serão abordados, portanto, os outros quatro itens do mesmo capítulo 4º.

I - O MISTÉRIO DA VOCAÇÃO E O EVANGELHO DA VOCAÇÃO

Esta 1ª reflexão é a mais difícil, porém, a principal.

Para começar a refletir sobre a "vocação", o documento PDV se

serve do episódio de João Batista que aponta para o Cordeiro de Deus e encaminha a ele doze discípulos, os quais se desligam de João Batista e vão atrás de Jesus e lhe perguntam: "Onde Moras?" Aos quais Jesus responde: "Vinde e vede". E eles foram, viram onde Jesus morava e ficaram com ele aquele dia. São nove verbos de profundo significado.

A este episódio vem ligado logo um segundo episódio, aquele de André, que era um daqueles dois discípulos de João e que foi correndo ao seu irmão Simão, para lhe contar que tinha encontrado o Messias. Ao que Simão foi a Jesus. E Jesus lhe disse: "Tu és Simão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas" (Jo 1, 35-42).

1. Esta cena descreve o "mistério" da vocação. Tanto da vocação cristã em geral, como também, das vocações específicas quais sejam, a vocação para ser apóstolo de Jesus, como ainda a vocação sacerdotal (34 d). Esta cena dos dois discípulos de João Batista e de André com seu irmão Simão se renova continuamente, ao longo da história, até o fim do mundo (34 d). O que vemos nestas duas cenas de João Batista e de André? Três elementos:

1.1. A Vocação está na linha da sensibilidade interior da pessoa.

Estas duas cenas nos convidam

a aprofundar o sentido todo "original" e típico da vocação como quem diz: A vocação é isso aí, a saber: É um ter uma sensibilidade interior misteriosa, que vai, em primeiro lugar, na linha do buscar por parte da pessoa, em 2º lugar, na linha do chamar por parte de Jesus ou de Deus, e, em 3º lugar, que vai na linha do responder prontamente, por parte da pessoa humana (34 d).

1.2. A Vocação não é algo estático, mas, vital e pessoal.

Esta cena nos revela também um sentido todo pessoal da vocação para o seguimento do Cristo. A vocação não é, portanto, uma realidade fria, neutra. Não é um simples dom estático, uma simples qualidade existente na pessoa. É alguma coisa de pessoal.

É verdade que no fundo, e anteriormente estão a graça de Deus e o carisma específico. E por sobre esta graça e carisma está o **chamado pessoal**, isto é, a sensibilização pessoal e vital desta graça e carisma básico (34 d).

1.3. A Vocação está entre a graça divina, e o "sim" do consentimento.

Esta cena mostra ainda a ligação indissolúvel entre a graça divina, de um lado, e a **responsabilidade humana**, de outro lado.

Analisemos estes dois lados da vocação.

Do lado da graça divina há dois aspectos: o **externo**: que é a voz de Deus que chama; o **interno**, que é a graça. De fato, do lado da graça divina está o "vem e segue-me" que é a voz do Cristo que chama. E, nesta voz, encontramos apenas uma manifestação sensível e externa da realidade interna, a qual constitui a verdadeira vocação ou o chamamento propriamente dito, e que é a graça divina, que sai do coração de Deus e vai até o coração da pessoa chamada.

E do lado da responsabilidade humana também há dois aspectos: o **interno** que é o SIM; e o **externo** que é o IR. De fato, do lado da responsabilidade humana está o assentimento, o consentimento, o "sim" que acolhe divina, no interior da pessoa, ou no interior do coração; e, no exterior está a aproximação que poderíamos qualificar de "física", e que é o "ir" até a pessoa de Jesus, no diálogo, na conversa com a pessoa de Jesus, conversa de palavras humanas, no seguimento de Jesus, na entrada para o grupo dos seguidores de Jesus.

Aqui estão, pois, alguns dos elementos teológicos fundamentais que constituem a vocação. Aliás, os elementos teológicos aqui apontados, estão íntima e estreitamente entrelaçados e interligados com

elementos antropológicos. É que os dois elementos: humano e divino se unem, quase como que em Jesus, a natureza divina e a natureza humana.

1.4. Concluindo esta reflexão sobre o mistério da vocação.

Podemos agora dizer que a vocação não é algo estático, parado, frio, como já dissemos, e sim, algo dinâmico, movimentado, progressivo, gradual, concreto, e sobretudo, vivo e pessoal. É um processo que se desenvolve em três fases bem definidas: a procura de Jesus, o seguimento de Jesus e a permanência com Jesus. Por isso é que a cena dos dois discípulos de João e a cena de André chamando Pedro, receberam o nome de "o Evangelho da Vocação". É que estas duas cenas revelam, ainda que, de modo descritivo, os elementos mais profundos da vocação.

1.5. Uma aplicação prática na Pastoral Vocacional.

Esta cena dos dois discípulos de João e de André chamando o seu irmão Simão é chamada também de "paradigma" ou modelo da PV, como também é chamada a força e o impulso de toda pastoral vocacional (34 e).

E, a Pastoral Vocacional por sua vez, como missão da Igreja, consiste em se cuidar: 1) do nasci-

mento, 2) do discernimento, 3) do acompanhamento das vocações (34 e).

II - A VOCACIONALIDADE DA IGREJA

Convém agora refletir e entender o quanto a dimensão "vocacional" está na própria essência da Igreja.

1) A "vocação" está na definição mesma da Igreja.

A "vocação" define o próprio "ser" da Igreja. A vocação define o ser da Igreja, antes mesmo de definir o seu "agir" ou operar (34 f).

De fato, o próprio nome Igreja, εκκλησια, ekklesia, indica a íntima fisionomia "vocacional" da Igreja. Pois, ekklesia vem do verbo kaléc: kaleo, chamar "ek": de dentro para fora. De fato, a Igreja é formada por aqueles que foram chamados (kaléo) de entre (ek) os povos e nações, para constituírem o grupo, a comunidade, a assembléia dos seguidores de Cristo para formarem assim, o grupo dos "convocados" (syn-kaléo). Assim a Igreja já em seu próprio nome é nominada de "chamada" (kaléo), "vocacionada". A Igreja, é, portanto, por seu próprio nome a assembléia dos "chamados".

Por isso também diz o Concílio Vaticano II: "A todos aqueles que olham com fé para Jesus, como o autor da salvação e princípio de unidade e de paz, Deus os "convocou" e constituiu com eles a Igreja". (LG 9) - (34 f).

Ou ainda, diz o Concílio Vaticano II: "Os que creem em Cristo, porém, o Pai resolveu con-vocá-los na Santa Igreja. - Credentes, autem, in Christum convocare statuit in sancta Ecclesia" (LG, 2).

Por isso, como conclusão, podemos dizer com o Papa que "a Igreja a partir de seu próprio nome se define como sendo "vocação", por inata constituição.

2) *A Igreja, enquanto é "mistério da vocação" "mysterium vocationis", faz brotar a "leitura teológica" da vocação, e da pastoral vocacional (34 g)*

a) Todas as Vocações cristãs vêm do Pai, sendo elas, por isso, um dom do Pai".

Cada vocação cristã encontra o seu **fundamento** na eleição prévia e gratuita por parte do Pai, "que nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais, nos Céus, em Cristo. Pois, κρωζ, nele, isto é, no Cristo, o Pai nos escolheu já antes da criação do mundo, para sermos santos e imacu-

lados na sua presença, na caridade, predestinou-nos para sermos os seus filhos adotivos por Jesus Cristo, segundo o beneplácito da sua vontade" (Ef 1,3-5), (35, a). Assim a vocação 1) já vem da eternidade, é eterno; 2) Procede do Pai, é divina; 3) é dada a todos os cristãos, nenhum cristão está sem vocação (35 b).

Assim, toda a vocação cristã vem de Deus Pai, é dom divino (35 b).

b) Todas as vocações cristãs vêm mediante a Igreja.

Se de um lado, toda a vocação cristã vem de Deus Pai, sendo, por isso, um dom divino, de outro lado, "a vocação cristã nunca é oferecida fora da Igreja, ou independentemente da Igreja. Mas, passa sempre na Igreja e mediante a Igreja. Pois, lembra-nos o concílio Vaticano II", "aprouve a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, e excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-o em povo, a fim de que enquanto povo o conhecessem na verdade e enquanto povo o servissem santamente. (LG 9, AG 2) - (35 b). Assim, a Igreja abarca em si todas as vocações que Deus lhe oferece, ao longo do caminho e da história da salvação (35 c). A Igreja, portanto, é **mediadora** das vocações.

c) A Igreja é um "mistério da Vocação"

A Igreja "não só abarca em si todas as vocações que Deus lhe oferece, mas ela própria se configura e se desenha como sendo um "mistério da vocação". Note-se que por se tratar aqui de um genitivo epexegetico, deveríamos chamar a Igreja de "mistério" que é vocação, ou de "mistério-vocação". Poderíamos até dizer: A igreja é um "mistério vocacional". Pois, 1º a Igreja é uma "chamada" pelo Pai, como já vimos. Logo o chamamento é intimamente inerente a ela. 2º a Igreja é, por si mesma um reflexo daquele outro mistério, que é o mistério da Santíssima Trindade (35 c), o qual mistério tem também ele a sua marca "vocacional".

Na Igreja, portanto, existe uma "misteriosa vocacionalidade". Ou ainda, poderíamos dizer que no grande mistério da Igreja, existe uma determinada dimensão vocacional, dimensão esta que perpassa e dá côr ao mistério inteiro da Igreja como se essa dimensão vocacional fosse, um aspecto deste mesmo mistério da Igreja.

A conclusão que daqui decorre é que: não zelar pelas vocações na Igreja é deixar de zelar por uma de suas dimensões, e que é a dimensão vocacional, o que seria empobrecer a Igreja.

III - A "VOCACIONALIDADE" DO MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

A questão que se coloca neste terceiro item de nossa reflexão é este: de onde, propriamente vem ou procede a "vocacionalidade" da Igreja?

Convém ressaltar desde já que a misteriosa dimensão vocacional inerente ao próprio mistério da Igreja não é originário da Igreja, não nasce da Igreja enquanto tal. Mas, nasce da própria Santíssima Trindade, da qual Trindade nasce o mistério inteiro da Igreja e, por isso, nasce também o "mistério da vocacionalidade" da Igreja.

Com efeito, poderíamos dizer que: a Igreja é um reflexo da Santíssima Trindade, a Igreja-comunidade é reflexo da Trindade-Comunidade.

E, como tal, para surpresa, haveremos de ver como a "misteriosa vocacionalidade da Igreja", nada mais é do que um reflexo, uma cópia, uma reprodução, uma imitação, da "misteriosa vocacionalidade" existente na própria Santíssima Trindade, ou melhor, nas Três Divinas Pessoas da Santíssima Trindade.

Daqui vem a pergunta: de que modo a Igreja, enquanto "misté-

rio da vocação", ou mistério "vocacional" é, por sua vez, "reflexo" do mistério trinitário?

A resposta se poderia formular em dois passos progressivos.

a) Primeiramente, pelo fato de a Igreja ser um povo, uma comunidade unida, como Deus é comunidade unida. E, enquanto comunidade, a Igreja é reflexo da comunidade Trinitária. De fato, a Igreja é um "povo" reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (35 c).

b) Em segundo lugar, porém, a Igreja-povo não é só reflexo do Deus-comunidade. A Igreja é também reflexo de cada uma das **Três Divinas Pessoas**, consideradas, cada uma, em seu aspecto vocacional (35 c).

1) Com efeito, a Igreja é reflexo do Pai considerado em seu aspecto vocacional. Pois o Pai, de um lado, não é chamado nem enviado por ninguém. (Rom 11, 33-35). De outro lado, chama a todos para santificar o seu nome e para fazerem a sua vontade.

Ora, a Igreja enquanto é reflexo do Pai, também não é chamada nem enviada por ninguém. Ninguém, neste mundo, está acima da Igreja. E, pelo poder que recebeu de Deus, ela tem a iniciativa de chamar a todos para santificarem o nome de Deus e fazerem a vontade de Deus.

É assim, portanto que a Igreja reflete em si o mistério "vocacional" do Pai (35 c).

2) A Igreja também é reflexo do Filho, quando considerado ele em seu aspecto vocacional. Pois, o Filho é chamado e enviado pelo Pai a fim de anunciar a todos o Reino de Deus, e a fim de chamar a todos ao seu seguimento.

Ora, a Igreja tem a mesma missão do Filho, isto é, ela é enviada para "chamar", *vocare*, a todos para entrarem no Reino e seguirem o Cristo.

Ora, isto equivale a ser o reflexo do aspecto vocacional do Filho.

Logo, a Igreja é reflexo vocacional do Filho, considerado este em seu aspecto vocacional (35 c).

3) Finalmente, a Igreja é o reflexo do Espírito Santo, quando considerado também ele em seu aspecto vocacional.

Pois, o Espírito Santo consagra para a missão aqueles que o Pai chama mediante o seu Filho Jesus Cristo.

Ora, é a Igreja que, através dos seus ministros portadores da plenitude do sacerdócio de Jesus, impõe as mãos e unge os que foram chamados e escolhidos para os ministérios da Igreja.

Por isso, a Igreja é também chamada "depositária do mistério do Espírito Santo", na medida em que é ele que, por meio de sua

Igreja, consagra os que foram chamados. Logo, a Igreja é também reflexo vocacional do Espírito Santo, quando considerado este em seu aspecto vocacional (35 c).

Assim, podemos concluir que a Igreja é vocacional em sua essência, também pelo fato de ser reflexo do Deus Trino, que é vocacional, em cada uma de suas Três Divinas Pessoas. Por aqui podemos concluir ainda, com nova luz, aquilo mesmo que antes já se disse, que a Igreja é diretamente "vocação", por sua própria e inata constituição" (35 d). Pois, ela é toda reflexo do Deus Trino, do ponto de vista **vocacional**.

IV - A IGREJA É GERADORA E EDUCADORA DAS VOCAÇÕES

Pelo fato mesmo de a Igreja ser "vocação" em sua própria e inata constituição, ela é também geradora e educadora das vocações.

De que modo é a Igreja geradora e educadora das vocações?

a) Primeiramente, no seu próprio "ser" de "sacramento".

De fato, enquanto "sacramento", ela é "sinal" e "instrumento".

1. A Igreja é "sinal" de todas as vocações, uma vez que ela

concretiza em si todos os aspectos do grande vocacionado Jesus Cristo, mediante as diferentes vocações existentes na Igreja (Veja 1Cor 12 e LG 44 e 46).

2. Além disso, a Igreja é o "instrumento", a) Através do qual "ressoa" a voz do chamado vindo de Deus. Ela é mediadora da voz vinda de Deus. b) Além disso, a Igreja é o "instrumento" no qual também se "realiza" a vocação de cada um e de todos os cristãos.

b) Em segundo lugar, a Igreja é "geradora e educadora de vocações" também no seu "operar", ou seja, no desempenho mesmo de seu triplice ministério, a saber, no anúncio da palavra, na celebração dos sacramentos e no serviço e testemunho da caridade (35d). Isto é desenvolvido nos números 38 a 40).

V - A DIMENSÃO "ECLESIAL" DA VOCAÇÃO OU A "ECLESIALIDADE" DA VOCAÇÃO

Sendo a Igreja "geradora" e "educadora" das vocações, compreende-se logo o quanto e o porquê da "eclesialidade" ser uma dimensão essencial e por isso inseparável da vocação cristã.

De fato:

1) A vocação deriva "da" Igreja e da sua mediação.

2) A vocação se faz reconhecer e se realiza "na" Igreja.

3) A vocação se configura, não só no fundamental serviço a Deus, mas também e necessariamente como serviço "à" Igreja.

Em outros termos, a vocação cristã, em qualquer uma de suas formas, leiga, sacerdotal, religiosa e missionária:

- . é um dom de Deus, é verdade, mas:

- . é destinado: - à edificação da Igreja

- e ao crescimento de Reino de Deus no mundo (35 e), o que se dá através do trabalho pastoral da Igreja.

VI - ESPECIFICIDADE DA VOCAÇÃO SACERDOTAL

Convém ressaltar que a vocação cristã se concretiza na Igreja em 4 modalidades específicas, a saber: leiga, sacerdotal, religiosa e missionária.

Convém ressaltar ainda que é em todas e em cada uma destas quatro formas que a vocação "cristã" se destina à edificação da Igreja ao crescimento do Reino. Mas, é necessário ressaltar e alertar ainda e também que é a vocação "sacerdotal" aquela que realiza de

maneira "específica" esta edificação da Igreja e a construção do Reino (35 d).

Pois, a vocação sacerdotal é aquela que é chamada a pôr-se ao serviço do Povo de Deus com características especiais e próprias, características estas especificamente distintas e diferentes das características que são próprias e específicas das outras vocações. E as características específicas da vocação sacerdotal são:

- . uma especial pertença ao Cristo,

- . uma especial configuração ao Cristo, cabeça e Pastor da Igreja,

- . e com uma especial autoridade de atuar em nome e na pessoa de Cristo, enquanto este Cristo é cabeça e Pastor da Igreja (35 f).

VII - CONSEQUÊNCIAS PASTORAIS

Daqui, a decorrência de quatro conseqüências muito importante para os Pastores da Igreja e para própria Pastoral Vocacional:

1º Consequência: A Vocação de cada sacerdote subsiste "na" Igreja e se realiza "para" a Igreja.

2º Consequência: Cada Presbítero recebe a sua vocação

- . do Senhor

- . através da Igreja

- . como sendo um dom gratuito, isto é, uma "gratia gratisdata", um "carisma" 3º Consequência: Cabe ao Bispo, para o clero secular, e ao superior competente, para os religiosos:

- . submeter a exames,

- . tanto a idoneidade ou capacidade do candidato

- . como também a própria vocação do candidato

- . como ainda reconhecer a vocação.

4º Consequência: Esta dimensão "eclesiástica" está íntima e inseparavelmente ligada, ao ministério sacerdotal.

5º Consequência: O candidato ao sacerdócio,

- . não pode impor as próprias condições pessoais

- . mas deve aceitar aquelas normas e aquelas condições que a Igreja apresenta, em virtude da responsabilidade desta mesma Igreja (35 g).

COMPLEMENTAÇÃO DO CAPÍTULO IV DA PASTORES DABO VOBIS

Nos números 34 e 35 da Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis (PDV), foram trazidos à tona vários elementos que constituem a Vocação, do ponto de vista teológico.

Nos outros seis números, 36 a

42, do capítulo IV da mesma Exortação PDV, se encontram, é verdade, alguns elementos teológicos a mais sobre a Vocação. Mas, não são estes elementos teológicos o forte destes números, e sim, aplicações práticas e orientações pastorais.

Vai aqui uma pequena síntese destes seis números.

I - O DIÁLOGO VOCACIONAL: A INICIATIVA DE DEUS E A RESPOSTA DO HOMEM (PDV 36 E 37)

1. Cada Vocação é um diálogo entre: o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que responde (36 a).

2. Síntese deste diálogo é Mc 3,13: "Jesus subiu depois ao monte, chamou a si aqueles que quis e eles foram ter com ele" (36 a).

3. "Este diálogo é o paradigma ou modelo constante, o dado irrecusável de cada vocação: a dos profetas, a dos apóstolos, dos sacerdotes, dos religiosos, dos leigos, de toda e qualquer pessoa" (36 b).

4. Análise dos dois elementos da vocação: Chamamento e Resposta.

a) Chamamento:

1) Elemento prioritário, prévio e decisivo na vocação é a inten-

ção livre e gratuita do Deus que chama. A iniciativa do chamamento pertence a Deus. Veja Jr 1, 4-5; Ef 1, 5. E o primado absoluto da graça se revela em Jo 15, 16 (36 c).

2) Atitudes decorrentes: a) respeito absoluto, b) não pode ser forçada, c) não pode ser substituída, d) jamais é um direito, e) não é promoção, f) não é projeto pessoal.

3) Conseqüências: a) nada de vaidade, b) nada de presunção, c) e sim, incondicional fidelidade ao Deus que chama (36 d).

b) Resposta:

"Chamou os que ele quis e estes foram ter com ele" (mc 3, 1). Resposta é: a) o "ir", b) livre.

O jovem rico livremente recusou. A liberdade é essencial na vocação (36 e, f, g). c) a oblação livre é o núcleo íntimo mais precioso à resposta do homem. d) Modelos de oblação: Jesus e Maria (36 g, h).

5. Obstáculos à resposta:

- bens materiais;
- condições sociais e culturais;
- visão errada de Deus;
- visão errada do homem;
- liberdade entendida como autonomia;
- chamamento individualista e intimista (37 a-f)

II - CONTEÚDOS E MEIOS DA PASTORAL VOCACIONAL (PDV 38-40)

Neste item é consideradora a Igreja fazendo Pastoral Vocacional, enquanto é:

- Comunidade;
- Povo: a) Sacerdotal (38), b) Profético (39), c) Régio (40).

III - TODOS SOMOS RESPONSÁVEIS PELAS VOCAÇÕES (PDV 41)

Responsáveis pelas Vocações na Igreja são: 1) A Igreja toda inteira (41 a), 2) Todos os membros da Igreja, sem exceção (41 b), 3) O Bispo é o primeiro responsável (41 c), 4) Presbíteros (41 d), 5) Família (41 e), 6) Escola (41 e), 7) Leigos (41 f), 8) Equipes Vocacionais (41 g), 9) Movimentos e Associações de Leigos.

D. Joel Ivo Catapan é Doutor em Teologia Dogmática, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, Região Episcopal Santana. End.: Rua Frei Vicente Salvador, 279 CEP 02019-000

TESTEMUNHO E MARTÍRIO NA SAGRADA ESCRITURA

Côn. Dr. José Adriano

Existem inúmeras formas e diversos pontos de partida para se refletir sobre o testemunho na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja. Optamos por tratar do assunto a partir do termo *martys*. Essa escolha não exclui outros termos importantes em seus contextos adequados; eles apenas não serão postos em evidência num primeiro plano.

O termo *testemunho* que hoje, na linguagem comum, se distingue do termo *martírio*, tem no contexto bíblico e extra-bíblico helenístico seus principais fundamentos. Segundo Strathmann¹, o termo é usado no âmbito forense como atestação de fatos e opiniões da parte do homem e, no âmbito religioso, como atestação da verdade religiosa. *Martys* está próximo da raiz *smr* que significa "pensar, recordar, estar preocupado", contido também em *mérmeros* (o que reflete) e em *mérima* (solicitude) de *memor*, *memória*. É o

estar presente a si mesmo, ter ciência do fato, podendo atestar sua veracidade. *Martyréin* é o "encontrar-se no exercício habitual de uma atividade"², significando, portanto, ser testemunha, testemunhar. *Martyria* possui o significado abstrato do ato de dar testemunho, indicando também o que está sendo testemunhado. *Martyrion*, por sua vez, possui o sentido concreto que indica o testemunho objetivo como prova de alguma coisa. No sentido forense *Martys* se reporta à jurisprudência para significar "aquele que por experiência pessoal imediata depõe sobre acontecimentos nos quais tomou parte ou assistiu, ou sobre pessoa e situação que conhece diretamente"³. Trata-se de uma pessoa que toma parte como testemunha num processo jurídico de cujo depoimento depende o seu resultado. No sentido genérico, o termo é encontrado na profissão de idéias ou de verdades das quais

1 in G.KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Brescia 1970, 1269-1392

2 DEBRUNNER, *Griechische Wortb.*, 191-193

3 Kthl, (1275)